

GADAMER E A REABILITAÇÃO DOS PRECONCEITOS

GADAMER AND THE REHABILITATE OF THE PREJUDICE

Keberson Bresolin*

RESUMO: A *Aufklärung* sempre teve a pretensão de que o sujeito deveria ser determinado apenas pela razão. Logo, tudo que é alheio à razão é visto como um empecilho. Entretanto, Gadamer resgata o conceito de preconceito não mais como um entrave para a verdade, mas como condição dela. Por conseguinte, os preconceitos formam a pré-compreensão que será revisada no encontro com a coisa mesma. É a abertura do homem que possibilita o encontro com a coisa. É neste encontro onde preconceitos verdadeiros e falsos serão distinguidos. A compreensão, portanto, nasce desta colisão entre intérprete (Eu) e o texto (Tu).

Palavras-chave: Gadamer. Hermenêutica. Preconceitos. Compreensão. *Aufklärung*.

ABSTRACT: The *Aufklärung* always had the pretension of that the citizen would have to be determined only by the reason. Soon, everything that is other people's the reason is seen as one (bother). However, Gadamer rescues the preconception concept not more as an impediment for the truth, but as condition of it. Therefore, the preconceptions form the daily pay-understanding that will be revised in the meeting with the same thing. It is the opening of the man who makes possible the meeting with the thing. It is in this meeting where true and false preconceptions will be distinguished. The understanding, therefore, born of this collision between interprets (I) and the text (You).

Key Words: Gadamer. Hermeneutics. Preconceptions. Understanding. *Aufklärung*.

Introdução

É pretensão ingênua imaginar que podemos nos elevar acima de nossa bagagem histórica. Muitas são as pretensões de anulação da subjetividade histórica do intérprete para alcançar uma objetividade comprovável. O movimento do Iluminismo é exemplo disto. Apenas aquilo que passa pelo crivo da razão é válido. E o que é pior, o único pressuposto assumido pelo sujeito, neste movimento, é a própria *razão*. Todo pressuposto, fora disso, é tido como não esclarecido e não capacitado de fundamentação.

Entretanto, mesmo antes disso, vemos em Bacon, na eliminação dos “ídolos”, uma tentativa de “varrer” a subjetividade de qualquer empecilho que a estorva para o conhecer certo e verdadeiro. Há, portanto, uma tentativa de eliminar qualquer tipo de influência externa ao sujeito. Adota-se, para isso, uma perspectiva metódica que garanta duas coisas: i) a anulação da subjetividade histórica do conhecedor; ii) um caminho (método) que garante a verificabilidade do objeto em questão.

* Doutorando em Filosofia - PUCRS/Capes. Contato: kebersonbresolin@hotmail.com.

Desde Bacon, portanto, vemos que ciência é sinônimo de método e verdade é igual a certeza. Esta certeza das ciências torna-se susceptível de repetição, garantindo a intersubjetividade dos resultados. Aqui, como falamos, verdade é certeza, se não for conhecimento certo, comprovado, é descartável. Mas, como será visto os fatos históricos? Terá ele algum valor para este pensamento? O Iluminismo nega a historicidade. Ela representa um percalço para o sujeito conhecedor, uma vez que caracteriza os próprios preconceitos deste. Para Gadamer, no Iluminismo o sujeito é desprendido de sua temporalidade existencial para analisar/comprovar apenas com sua razão “esclarecida”, livre de qualquer preconceito ou autoridade. Será realmente possível um anulamento dos preconceitos para realizar uma análise imparcial?

Isso não é possível, no entender de Gadamer. Somos desde sempre seres temporais, inseridos num dado momento histórico com características próprias. Somos seres factíveis, marcados pela temporalidade do mundo. Esse mundo constitui o horizonte de nosso processo de compreensão. Daí pode-se dizer que a hermenêutica de Gadamer é uma hermenêutica da facticidade. Nosso autor não tenta elevar o intérprete ao auto-anulamento, pelo contrário, parte da própria experiência concreta do homem e sua finitude. Entretanto, estes fatos históricos inseridos em nós [preconceitos], por um lado, limita toda compreensão, mas, por outro lado, explicitados, analisados e interpretados tornam-se a “mola-propulsora” da compreensão.

Por conseguinte, a situação hermenêutica exige uma compreensão da situação do *Dasein* em sua perspectiva de finito e histórico. Por fim, a hermenêutica de Gadamer foge a qualquer perspectiva metodológica de apreensão da verdade. Ele não quer apresentar uma *técnica para compreensão* (como ele próprio afirma na introdução de *Verdade e método*, contrapondo-se a hermenêutica de E. Betti), mas parte da radical finitude do homem para daí encontrar o verdadeiro sentido.

1. Sobre o título da obra de gadamer: *Verdade e Método (Wahrheit und Methode)*.

Neste primeiro item, pretendemos mostrar que o título da monumental obra de Gadamer é, em última análise, o resumo da mesma. Palmer acredita que Gadamer é irônico no título de sua obra: “o título do livro é irônico: o método não é o caminho para a verdade. Pelo

contrário zomba do homem metódico”¹. Não pensamos que Gadamer zomba do procedimento metódico, mas que está insatisfeito com a solução alcançada por ele. Nosso autor olha para a tradição e vê nela, principalmente a partir de Bacon², que toda a verdade está ligada ao método dedutivo ou ao método indutivo. Gadamer crê que a verdade não pode ser reduzida a um procedimento. Ele afirma que o conceito de verdade reduziu-se ao conceito de certeza, ou seja, a certeza de um procedimento que pode ser realizado por qualquer um, em qualquer lugar que obterá os mesmos resultados, isto é, a intersubjetividade dos resultados. Ora, isso é uma uniformização da verdade. Logo, “a verdade (*veritas*) só se dá pela possibilidade de verificação, então o parâmetro que mede o conhecimento não é mais sua verdade, mas sua certeza”³.

A proposta de nosso autor é demonstrar que a *ciência*⁴ apenas admite como “satisfação de verdade aquilo que satisfaz o ideal de certeza”⁵. No entanto, existem âmbitos que a ciência não consegue mensurar ou aplicar um método. A própria divisão da obra *Verdade e Método* está proposta em três partes/âmbitos que a ciência não abarca e, não é por este fato, que deixam de ser verdade. São elas a verdade da *arte*, a verdade da *história* e a verdade da *linguagem*. Segundo Stein, isto soa como um “tipo de verdade à qual temos acesso por caminhos totalmente diferentes dos que estão estabelecidos pelo conhecimento científico em geral”⁶.

A hermenêutica filosófica vai ao encontro destas verdades, não com um método implacável nas mãos, mas com a própria facticidade humana como condição de toda a compreensão, ou seja, “estamos sempre presos nos limites de nossa situação hermenêutica”⁷. Por outro lado, a ciência, com sua bandeira de verificabilidade e certeza hasteada, ignora tais verdades, pois não podem ser submetidas ao método, uma vez que vai além desse. Logo, a ciência trabalha com o conceito de verdade reduzido à certeza, o que nos remete,

¹ PALMER, R. *Hermenêutica*. Trad. Maria Luíza R. Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1969, p.168.

² Desde “Bacon que a objetividade da ciência se baseia na possibilidade de uma experiência constante, isto é, suscetível de repetição, que garante a intersubjetividade dos resultados. Esta abordagem destina-se a eliminar todos os elementos históricos, conforme sucede com o modo experimental na ciência natural” (BLEICHER, Josef. *Hermenêutica contemporânea*. Trad. Maria G. Segurado. Lisboa: Edições 70, 1992, p.159).

³ GADAMER, H-G. *Verdade e método II: Complementos e índices*. Trad. Flávio P. Meurer. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p.61-62.

⁴ Quando utilizamos o conceito *ciência* ou *as ciências* não apenas fazemos referência a positividade das *Naturwissenschaften*, mas também a *pretensão metodológica* das assim chamadas *Geistwissenschaften*.

⁵ GADAMER, H-G. *Verdade e método II*, p.62

⁶ STEIN, E. *Aproximações sobre hermenêutica*. 2.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p.47.

⁷ GADAMER, H-G. *Verdade e método II*, p.65.

conseqüentemente, a *verificabilidade*⁸ intersubjetiva. Contrapondo-se a ciência afirma Gadamer:

Sempre podemos esperar que outra pessoa veja o que consideramos como verdadeiro, mesmo que não o possamos demonstrar. E nem sempre podemos considerar a via da demonstração como via correta para fazer com que outra pessoa veja o verdadeiro. Estamos sempre de novo ultrapassando os limites da objetivação, onde se prende o enunciado que segue sua forma lógica⁹.

A verdade não pode ser reduzida apenas ao que é certo, pois algo se dá alheio ao método. A verdade, na concepção de Gadamer, pode, sem dúvida, ser aproximada ao conceito de verdade heideggeriano. Analisemos, pois, em poucas linhas o que Heidegger entende por verdade. Para esse autor, a verdade é *Aletheia*, o que nos remete a concepção de verdade dos gregos, isto é, uma abordagem da verdade que ultrapassa os limites da dualidade mediada (Sujeito-método-Objeto). Verdade, portanto, é desvelamento/revelação. Diz Heidegger que esta “definição de verdade não é uma rejeição da verdade concebida pela tradição, mas a verdade em sua apropriação originária”¹⁰.

Logo, constatamos que ser descobridor é uma forma de ser do *Dasein*, de modo que “os fundamentos ontológicos – existenciais do descobrir mesmo põem pela primeira vez, diante da vista o fenômeno mais originário da verdade”¹¹. Por conseguinte, é a abertura do homem enquanto finito e histórico que possibilita o encontro com a verdade mais originária. Não se trata de um método inquisitor, mas antes, um desvelamento das coisas mesmas, o mostrar das coisas como elas são. É relação direta do homem com a verdade (sem método mediador).

⁸ Diferente desta concepção, afirma Stein que “a hermenêutica é esta incomoda verdade que se assenta entre duas cadeiras, quer dizer, não é nem uma verdade empírica, nem uma verdade absoluta – é uma verdade que se estabelece dentro das condições humanas do discurso e da linguagem. É por isso que a hermenêutica é, de alguma maneira, a consagração da finitude e esse é o ponto importante. Em geral, diz-se que é racional a verdade que se pode provar através de um fundamento último, absoluto. Basta dizer que o empírico é o racional, porque concorda com os objetos e que o absoluto é racional, então as proposições são racionais. Estabelecer racionalidade de uma verdade e de um discurso que não pode ser provado nem empiricamente, nem através de um fundamento último, essa é a tarefa da hermenêutica” (STEIN, Ernildo. *Loc.cit.*, p.48).

⁹ GADAMER, H-G. *Verdade e método II*, p.63.

¹⁰ HEIDEGGER, M. *Ser y tiempo*. Trad. Jorge E. Rivera. Santiago do Chile: Editorial universitária, 1998, p.240.

¹¹ *Ibidem*, p.63. Continua Heidegger: “Descobrir é uma forma de ser do estar-no-mundo. A ocupação circunspectiva é a que se faz simplesmente observando, descubrem os entes intra-mundanos. Estes chegam a ser descobertos. São verdadeiros em um segundo sentido. Primeiramente ‘verdadeiro’, é dizer, *descobridor*, é o *Dasein*. Verdade em sentido derivado, não quer dizer ser descobridor, mas ser descoberto” (HEIDEGGER, M. *Op. cit.* p.241).

Assim, a historicidade, para M. Oliveira, não é “simplesmente a determinação dos limites da razão e de sua pretensão de atingir uma verdade absoluta, mas é, muito mais, a condição positiva para o conhecimento da verdade”¹². Agora fica claro, pois, que a historicidade do homem o acompanha/determina e sua abertura ao todo proporciona o aparecimento da verdade mais original.

O que entendemos por verdade – revelação, desocultação das coisas – tem, portanto, sua própria temporalidade e historicidade. Em todos nossos esforços para alcançar a verdade, descobrimos admirados que não podemos dizer a verdade sem interpretação e sem resposta e assim sem o caráter comum do consenso obtido¹³.

Portanto, concordamos com Stein na leitura do título da obra de Gadamer, ou seja, “ficamos duvidando se é *verdade e método, verdade ou método* ou *verdade contra o método*. Em geral leio o título como *verdade contra o método*”¹⁴. Isso devido às verdades que passam paralelas a concepção metodológica, mas que não deixam de ser verdades. A hermenêutica filosófica de Gadamer trata do acontecer da verdade na compreensão que desde sempre implica em um sentido para o compreendedor.

2. A *Aufklärung*¹⁵ e a negação dos preconceitos

Gadamer enfatiza que a pretensão iluminista é levar em consideração apenas a razão em-si e por-si-mesma. Por conseqüência, é necessário que todos os *preconceitos*¹⁶ sejam

¹² OLIVEIRA, M. A. de. *Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2001. p.233.

¹³ GADAMER, H-G. *Verdade e método II*, p.71. Assim, segundo Stein, “*Verdade e método* fala-nos de um acontecer da verdade no qual já sempre estamos embarcados pela tradição. Gadamer vê a possibilidade de explicar fenomenologicamente esse acontecer em três esferas da tradição: o acontecer da obra de arte, o acontecer na história e o acontecer na linguagem. A hermenêutica que cuida dessa verdade não se submete às regras das ciências humanas, por isso ela é chamada de hermenêutica filosófica” (STEIN, E. “Compreender em vez de fundamentar – A hermenêutica filosófica de Gadamer”. *Veritas*. v.47, n° 1 (2002), p.99).

¹⁴ STEIN, E. *Aproximações sobre hermenêutica*. *Loc. cit.*, p.47.

¹⁵ Segundo nosso autor, existiram dois momentos da *Aufklärung*, ou seja, o primeiro com a filosofia grega e o segundo com a filosofia moderna. Entretanto, trataremos apenas do segundo uma vez que é próprio deste a condenação dos preconceitos. É importante dizer que traduziremos *Aufklärung* por Iluminismo, entretanto, utilizaremos os dois termos durante o texto.

¹⁶ Seguimos aqui a tradução proposta pelo tradutor, ou seja, *Vorurteil* como preconceito, mas também se poderia traduzir por juízo prévio (*Vor-Urteil*) sem comprometer a compreensão. Coreth não adota a palavra preconceito, nem prejuízo, mas pré-compreensão, uma vez que pela “palavra prejuízo ou preconceito entendemos um juízo ou conceito pré-concebido, já fixado de antemão e que, como tal, é fechado em si, não permitindo ao olhar dirigir-se à coisa, mas desfigurando-a” (CORETH, E. *Questões fundamentais de hermenêutica*. Trad. Carlos L. Matos. São Paulo: E.P.U., 1973, p.87). Entretanto, como já anunciamos acima, utilizaremos o conceito preconceito, pois, no sentido empregado por Gadamer, não há qualquer pretensão de tomar os preconceitos como verdades de antemão inquestionáveis.

arrebatados do sujeito pensante para que este tenha um conhecimento certo. Seja “como for, a tendência geral da *Aufklärung* é não deixar valer autoridade alguma e decidir tudo diante do tribunal da razão”¹⁷. Nosso autor afirma que a máxima de Kant, “tem coragem de te servires do teu próprio entendimento”¹⁸, resume o espírito da *Aufklärung*. A razão subjetivista, por conseguinte, torna-se o critério de medida, ou seja, ela que dita se algo é verdadeiro ou falso, se tem valor ou não. Logo, “a fonte última de toda autoridade já não é a tradição, mas a razão”¹⁹.

Portanto, o ideal da *Aufklärung* é livrar os homens dos grilhões da menoridade, onde não seriam livres. Entrar na maioridade, onde somente a razão governa soberana, é dever de todos os indivíduos. Logo, o que notamos no Iluminismo “é o preconceito contra o preconceito em geral, e com isso, a despotização da tradição”²⁰. É apenas *a partir da Aufklärung* que o conceito de preconceito se tornou pejorativo²¹. Segundo Gadamer, preconceito é apenas um juízo prévio que é formado antes da formulação definitiva, é uma pré-compreensão. O que autor de *Verdade e método* observa é que há uma transposição de culpa, ou seja, preconceito está, para a *Aufklärung*, diretamente ligado à autoridade religiosa, remontando a um juízo *não* fundamentado na razão, mas que possui pretensão de verdade. Nas palavras de Gadamer:

O termo alemão *Vorurteil* – assim como o termo francês *préjugé*, mas de modo mais pregnante – parece ter sido restringido, pela *Aufklärung* e sua crítica religiosa, ao significado de “juízo não fundamentado”. É só a fundamentação, a garantia do método (e não o encontro com a coisa como tal), que confere ao juízo sua dignidade²².

¹⁷ GADAMER, H-G. *Verdade e método I: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Trad. Flávio P. Meurer. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2005, p.362.

¹⁸ KANT, I. “Resposta a pergunta: O que é esclarecimento (*Aufklärung*)?” Trad. Arthur Mourão. In: KANT. *À paz perpétua e outros opúsculos*. Lisboa: Edições 70, 1995. p.11.

¹⁹ GADAMER, H-G. *Verdade e método I*, p.363. Nesta mesma perspectiva, afirma Kronbauer que o “esclarecimento tendeu a eliminar as verdades por serem antigas ou atestadas pela autoridade, o que significa dizer que o critério da autoridade foi substituído pelo critério da razão” (KRONBAUER, L. G. “Re-lendo verdade e método”. *Estudos leopoldenses*. v.4, n°6 (2000), p.154).

²⁰ GADAMER, H-G. *Verdade e método I*, p.360.

²¹ Essa tese é comprovada na obra *a filosofia do iluminismo* de E. Cassirer. Ali Cassirer faz uma análise dos diversos filósofos modernos e suas perspectivas com relação aos preconceitos e a história. O “cartesianismo, com sua orientação estrita e exclusiva para o racional, manifesta-se estranho ao mundo histórico propriamente dito. Em suma, a dúvida cartesiana apenas comporta um caráter negativo a respeito da história: ela rechaça e recusa” (p.272-273). E, segundo Montesquieu, “um historiador, no exercício de sua função é sem pai, sem mãe, sem genealogia” (CASSIRER, E. *A filosofia do Iluminismo*. Trad. Álvaro Cabral. Campinas: UNICAMP, 1994, p.294).

²² GADAMER, H-G. *Verdade e método I*, p.361.

Vemos, portanto, que a crítica do Iluminismo é direcionada a tradição religiosa do Cristianismo e a Sagrada Escritura, mas, por conseqüência, acaba por negar toda e qualquer autoridade ou tradição. Para Gadamer, o fato diferencial da *Aufklärung* moderna “é que ela se impõe frente a Sagrada Escritura e sua interpretação dogmática”²³. A Sagrada Escritura, assim como qualquer outro texto ou informação histórica, não são autoridades e, conseqüentemente, não podem valer por si mesmas. Antes, “a possibilidade de que a tradição seja verdade depende da credibilidade que a razão lhe concede. O que está escrito não precisa ser verdade: Nós podemos sabê-lo melhor”²⁴, diz o Iluminismo.

A preocupação da *Aufklärung* era, portanto, não aceitar nenhuma espécie de preconceito, ou verdade pré-estabelecida, dogmática. Mas, há outra preocupação para os iluministas, isto é, o estabelecimento de um método que possa garantir a verdade (=certeza) do objeto perscrutado. Método, etimologicamente falando, é caminho. Caminho que uma vez comprovado, pode ser (re) feito por qualquer outro sujeito que obterá os mesmos resultados, independente das contingências existências. A intersubjetividade dos resultados é garantida. Logo, o método é um instrumento, um procedimento do tipo técnico. Em última análise, método é um caminho “mecânico” que pode ser feito e refeito através do uso de regras estabelecidas. Deste modo, segundo a *Aufklärung*, é possível alcançar a certeza indubitável. Nesta perspectiva, diz Gadamer que “a certeza científica sempre tem uma feição cartesiana. É o resultado de uma metodologia crítica, que procura deixar valer somente o que for indubitável”²⁵.

Por conseguinte, “um uso metodológico e disciplinado da razão é suficiente para nos proteger de qualquer erro”²⁶. A relação entre razão e autoridade/tradição, no Iluminismo, é sinônimo de conflito, sendo que a primeira deve excluir a segunda. A razão deve *anular*²⁷ todos os preconceitos, ou, como diz M. Oliveira, “um pré-conceito básico do Iluminismo é o de que a subjetividade do conhecimento só é alcançável pela superação da situacionalidade própria à subjetividade que compreende”²⁸. O sujeito da *Aufklärung* não é histórico, marcado

²³ GADAMER, H-G. *Verdade e método I*, p.362. Segundo Cassirer, Holbach afirmava que “foi o espírito teológico que impediu até o presente toda a organização *autônoma* do sistema político e social”. Logo, “o mundo jamais será feliz enquanto não se decidir a ser ateu” (CASSIRER, E. *Loc.cit.*, p.104-105).

²⁴ GADAMER, H-G. *Verdade e método I*, p.362.

²⁵ *Ibidem*, p.32. Dilthey, diz Gadamer, é um filho da *Aufklärung*, uma vez que tenta empregar uma metodologia para as *Geistwissenschaften*.

²⁶ GADAMER, H-G. *Verdade e método I*, p.368.

²⁷ Para o autor de *Verdade e método* esta tentativa de anulação “irá mostrar-se ela própria como um preconceito cuja revisão liberará o caminho para uma compreensão adequada da finitude, que domina não apenas nosso caráter humano, mas nossa consciência histórica” (GADAMER, H-G. *Verdade e método I*, p.367).

²⁸ OLIVEIRA, M. A. de. *Loc. cit.*, p.229.

profundamente pela sua historicidade. Antes, é a razão, senhora soberana, que dará valor ao sujeito e aquilo que ele conhece. O caráter de autoridade de algo é também dado por ela (razão), apenas o que é construído em seu íntimo, ou através do método, possui certeza incontestável. Conseqüentemente, a autoridade da tradição passa longe de receber o valor que lhe cabe.

É aqui que começa a empreitada de Gadamer, a saber, demonstrando que o ser, do eis-aí-ser, é uma mediação entre passado e presente se dirigindo ao futuro. “A história”, diz Gadamer, “é, realmente, uma fonte de verdade distinta da razão teórica”²⁹. É por este motivo que nosso autor eleva sua hermenêutica ao patamar *filosófico*, elaborando, por conseguinte, uma via alternativa para o autentico encontro com a verdade. Há “uma hermenêutica porque o homem é hermenêutico, isto é, finito e histórico, e isso marca o todo da experiência de mundo”³⁰. Desta forma, sabendo que não é a história que nos pertence, mas nós que pertencemos à história, é preciso uma reabilitação dos preconceitos que desde sempre nos determinam e, conseqüentemente, uma reabilitação da autoridade da tradição. Esta tradição, juntamente com o presente, abre o horizonte do futuro.

3. Preconceitos: elemento fundamental para compreensão

3.1. O valor dos preconceitos

Vimos até o presente momento que “precisamos desligar as ciências humanas da dependência direta do ideal metodológico das ciências naturais para comprometê-la com um ideal diferente”³¹. A proposta da hermenêutica filosófica não garante a verificabilidade da verdade (certeza), assim como o metodologismo empregado pelas ciências. Pelo contrário, partindo da historicidade do homem, de sua vivência, vai ao encontro da alteridade para daí surgir a compreensão. Gadamer está preocupado com as possibilidades da compreensão e não com uma técnica de compreensão. Nosso autor não nega o trabalho e o sucesso que alcançou o procedimento metódico das ciências, antes, nota “que o espírito metodológico da ciência se

²⁹ GADAMER, H-G. *Verdade e método I*, p.60.

³⁰ OLIVEIRA, M. A. de. *Op. cit.* p.225.

³¹ GADAMER, H-G. “Historia del universo y historicidad del ser humano” (1988). Trad. Arturo Parada. In: GADAMER, H-G.. *El giro hermenéutico*. Madrid: Cátedra, 2001, p.166.

impõe por toda a parte. Longe de mim negar o caráter imprescindível do trabalho metodológico dentro as assim chamadas ciências do espírito”³².

Assim sendo, a hermenêutica de Gadamer é contra o método, mas não no sentido de anulá-lo, declarando-se absoluta, mas apenas um modo diferente, do encontro com a verdade, um encontro no sentido mais originário (sem método *mediando* sujeito-objeto). Logo, a hermenêutica filosófica não é um novo método, isto é, o que “temos não é uma diferença dos métodos, mas uma diferença dos objetivos do conhecimento”³³.

Segundo o autor de *Verdade e Método*, “o que está em questão não é o que fazemos, o que deveríamos fazer, mas o que nos acontece além de nosso querer e fazer”³⁴. Estamos, desde já, lançados em um momento histórico e somos determinados pelos fatores de tal momento, isto é, pela educação, pela sociedade, pela política, pela religião, etc. Não compreendemos fora de nosso momento histórico, não nos transpomos acima da história para uma transparência, pelo contrário, estamos com os “pés no chão” e com a historicidade sobre os ombros. Disto resulta o seguinte: a própria razão não é mais senhora de si, mas repleta desta historicidade. Por conseguinte, “é só o reconhecimento do caráter essencialmente preconceituoso de toda a compreensão que pode levar o problema hermenêutico a sua real agudeza”³⁵. Para Gadamer, os preconceitos são fundamentais para a compreensão, pois eles formam a pré-compreensão do sentido da obra³⁶. Logo, os preconceitos são condições

³² GADAMER, H-G. *Verdade e método I*, p.15. Nesta perspectiva nos esclarece Hermann afirmando que a hermenêutica de Gadamer “ressurge como hermenêutica moderna no contexto de luta contra a pretensão de haver um único caminho de acesso à verdade e quer demonstrar que não há mais condições de manter o monismo metodológico, uma forma exclusiva para determinar o espaço de produção do conhecimento” (HERMANN, N. “Platão e Gadamer”. *Veritas*. v.49, n°4 (2004), p.728).

³³ GADAMER, H-G. *Verdade e método I*, p.15. Aqui podemos ver uma diferença fundamental entre Schleiermacher, Dilthey e Gadamer. A hermenêutica de Schleiermacher, também chamada de hermenêutica psicológica, tenta, através da compreensão, reconstruir o valor originário da obra. Reconstruindo o mundo a que pertence, reconstruindo a intenção do autor, executando a obra em seu sentido original, a protegeriam contra mal-entendidos. Dilthey, por sua vez, segue a hermenêutica romântica e toma o mundo espiritual como um texto a ser decifrado e compreendido em seu significado. Segundo Gadamer, “a *Aufklärung* consoma-se com o *Aufklärung* histórico” (Dilthey), pois “pressupõe que o objeto da compreensão é o texto a ser decifrado e compreendido *em seu sentido*” (GADAMER, H-G. *Verdade e método I*, p.323). Gadamer, por outro lado, não tenta anular o intérprete, muito menos uma comunhão das almas com o autor, mas parte da facticidade do intérprete para o confronto com a coisa mesma. Partindo da pré-compreensão à compreensão, onde os preconceitos são ajustados, testados na coisa mesma, brotando daí um sentido comum. Esta é a boa circularidade a qual Gadamer faz referência. Circularidade não formal que não se fecha sobre si, mas permanece em constante fluxo, permitindo cada vez mais o encontro com a verdadeira compreensão. É um constante re-projetar para o intérprete. Ver Stein *a questão da boa circularidade*.

³⁴ GADAMER, H-G. *Verdade e método I*, p.14.

³⁵ GADAMER, H-G. *Verdade e Método I*, p.14.

³⁶ Quando nos referimos à obra, é pertinente esclarecer que falamos na totalidade de “produção” do passado. Ou ainda, aquilo que faz frente ao intérprete, ou seja, pode ser um texto, uma carta, uma obra de arte, conjunto de obras de um autor, etc.

inevitáveis de um ser-no-mundo³⁷. Ou ainda, ser homem é estar submetido as contingências determinantes de sua vivência temporal.

Afirma-se, então, que sempre “partimos do fato de que uma situação hermenêutica está determinada pelos preconceitos que trazemos conosco”³⁸. A própria historicidade do intérprete é levada em consideração. Seus preconceitos se transformarão na pré-compreensão do sentido da obra em questão. Assim segundo M. Oliveira, “compreendemos a partir de nossos pré-conceitos que gestaram na história e são agora ‘condições transcendentais’ de nossa compreensão”³⁹. Por conseguinte, os preconceitos não são limitação do conhecimento humano, antes, “são mais que seus juízos, constituem a realidade histórica de seu ser”⁴⁰. Portanto, para Gadamer, tradição e autoridade não precisam ser mais vistas como inimigas da razão, mas como algo que possibilita o encontro com a verdade.

Duas coisas fundamentais podem ser notadas até aqui: i) os limites de nosso compreender, isto é, sempre compreendemos a partir de nossos preconceitos. Segundo Palmer, “não pode haver qualquer interpretação sem pressupostos”⁴¹. ii) A tentativa da superação da filosofia da subjetividade. O ideal de transparência do sujeito, a tentativa de absolutização da reflexão, típica da filosofia moderna da consciência, são transpassados por esta real finitude do homem. Logo, pertencemos a história e não ela a nós. A razão, agora, é marcada pela historicidade do eis-aí-ser.

Segundo M. Oliveira, a “hermenêutica gadameriana levanta a pretensão de ter encontrado o verdadeiro *transcendental* que possibilita o conhecimento humano, a saber, a historicidade”⁴². Não há necessidade da negação dos preconceitos que, desde sempre, estão presente no homem. Eles são a própria condição de possibilidade do compreender. Palmer, concorda com M. Oliveira dizendo: “Os pré-juízos não são algo que devemos aceitar ou que possamos recusar; são a base da capacidade que temos para compreender a história”⁴³. Estes preconceitos são frutos da tradição a qual estamos inseridos. São o horizonte a partir do qual compreendemos. Horizonte, para Gadamer, significa “o âmbito de visão que abarca e encerra tudo o que pode ser visto a partir de um determinado ponto”⁴⁴. Por fim, os preconceitos são

³⁷ Cf. COSTA, C. de C. “Hans-Georg Gadamer: notas introdutórias à hermenêutica filosófica contemporânea”. *Fragmentos de cultura*. v.14, n°5, (2004), p.903.

³⁸ GADAMER, H-G. *Verdade e método I*, p.404.

³⁹ OLIVEIRA, M. A. de. *Loc. cit.*, p.228.

⁴⁰ GADAMER, H-G. *Verdade e método I*, p.368.

⁴¹ PALMER, R. *Loc. cit.*, p.186.

⁴² Cf. OLIVEIRA, M. A. de. *Op. cit.* p.231.

⁴³ PALMER, R. *Loc. cit.*, p.186.

⁴⁴ GADAMER, H-G. *Verdade e método I*, p.399.

esta carga histórica que sempre caminha conosco determinando, juntamente com o encontro com a coisa mesma, o *como* compreendemos.

3.2. O encontro do intérprete (eu) com a coisa mesma (tu)

Gadamer afirma no prefácio da obra *Verdade e método* que “metodologicamente (...) [seu] livro assenta-se sobre um solo fenomenológico”⁴⁵. Por isso, ir ao encontro da coisa mesma é fundamental para a correta compreensão. Só assim o intérprete coloca à prova seus preconceitos. Todo o “caminho fenomenológico consiste nessa relação entre projeto prévio de interpretação e a coisa mesma”⁴⁶. Portanto, a hermenêutica filosófica, tomando o homem como ele é – finito e histórico – considera o encontro com o Tu indispensável para a fusão de horizontes.

ma consciência verdadeiramente histórica sempre tem em vista o seu presente, pois é impossível uma compreensão como transferência à mente do autor. Isso significa, segundo Gadamer, que “procuramos deixar e fazer valer o direito objetivo do que o outro diz”⁴⁷. Não estamos preocupados com a intenção do autor, mas na própria fusão de horizontes entre o intérprete e a obra, onde o intérprete ajustou e continua a ajustar sua pré-compreensão no aparecimento da obra enquanto tal. Ora, “deixar-se determinar pelas coisas mesmas não é uma atitude de ‘valentia’, tomada de uma vez por todas, mas é a ‘primeira, única e última tarefa’”⁴⁸. O encontro com a coisa mesma será a prova de fogo para os preconceitos, uma vez que são distinguidos os verdadeiros dos falsos. Por isso, “uma consciência formada hermeneuticamente deve ser de antemão receptiva à alteridade do texto”⁴⁹.

⁴⁵ *Ibidem*, p.399. [Acréscimo nosso]. Se levarmos em consideração a relação Eu-Tu, analogamente o item anterior (3.1), faz referência ao Eu da relação [os preconceitos]. Mas não quer dizer que os preconceitos são em si mesmos todos verdadeiros. É necessário o encontro com a coisa mesma para a elevação de um sentido comum, ou seja, o encontro com o Tu daquela relação.

⁴⁶ ALMEIDA, C. L. “Hermenêutica e dialética: Hegel na perspectiva de Gadamer”. In: _____; FLICKINGER, H-G; ROHDEN, L. *Hermenêutica filosófica: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer*. Porto Alegre, 2000, p.63. Nesta perspectiva, fazendo referência ao mito de Hermes, afirma Rohden: “Coube a Hermes a grata missão de conduzir *Psiqué* ao Olimpo para se casar com Eros, e à hermenêutica a tarefa de levar as pessoas ao entendimento, à boa convivência para a explicitação dos preconceitos, do que foi reprimido, do não dito” (ROHDEN, L. “O círculo hermenêutico como estrutura, o “enquanto” da hermenêutica filosófica”. *Veritas*. v.44, n°1 (1999), p.125).

⁴⁷ GADAMER, H-G. *Verdade e método II*, p.73. Concordamos com Palmer no seguinte: “Isso não significa que invoquemos irrefletidamente critérios externos do presente para o passado, de modo a considerarmos a Bíblia ou Shakespeare como irrelevantes. Pelo contrário, reconhecemos simplesmente que o ‘significado’ não é como uma propriedade imutável de um objeto, o ‘significado’ é sempre ‘para nós’” (PALMER, R. *Loc. cit.*, p.187). O Tu sempre tem voz para o presente.

⁴⁸ GADAMER, H-G. *Verdade e método II*, p.75 (Grifos do autor).

⁴⁹ *Ibidem*, p.76.

Nesta perspectiva, afirma Flickinger que a alteridade “trata-se sempre de algo ou de alguém que se encontra à nossa frente e, como tal, dirige-se a nós e inquieta-nos, devido única e exclusivamente ao fato de ser outro que nós mesmos”⁵⁰. É esta interpelação, o encontro com a obra que proporá uma revisão da pré-compreensão. Portanto, é uma relação dialógica, onde o intérprete põe a escutar a coisa mesma, a fim de convalidar ou não seus preconceitos. Deste modo, “outro não é outro porque existe enquanto ente ao lado de outros entes, mas porque é reconhecido como outro pelo eis-af-ser que, na sua finitude, abre-se a diferença”⁵¹.

Faz sentido afirmar que o intérprete não vai diretamente ao “texto” a partir da opinião prévia pronta e instalada nele. Ao contrário, põe a prova, de maneira expressa, a opinião prévia instalada nele a fim de comprovar sua legitimidade, o que significa, sua origem e sua validade⁵².

É nesta relação de diálogo, entre Eu-Tu, que se dará a filtragem da pré-compreensão. Disso resulta sempre uma revisão de projeto, uma vez que projetos “conflitantes podem posicionar-se lado a lado na elaboração, até que se confirme de modo mais *unívoco* a unidade de sentido”⁵³. Ora, colocar-se em contato com a coisa mesma é sinônimo de re-projetar, de revisar, de constatar que os preconceitos não são verdades infalíveis, muito menos eternos. Esta abertura do homem à alteridade é condição fundamental sem a qual não haveria compreensão. Assim, pois, como afirma Bleicher, os nossos preconceitos terão, “ou de se revelar adequados ao conteúdo, ou ser alterados, e é essa abordagem experimental que pode surgir a proclamação da verdade do texto”⁵⁴.

Chegamos, portanto, a um ponto decisivo: Existem preconceitos legítimos e ilegítimos. O encontro com a coisa mesma prova que o Iluminismo estava errado e que há preconceitos que favorecem a compreensão. Assim, diz Gadamer: “Se quiser fazer justiça ao modo de ser finito e histórico do homem, é necessário levar a cabo uma reabilitação radical do conceito de preconceito e reconhecer que existe preconceitos legítimos”⁵⁵. Logo, a pretensão da hermenêutica é a saída da particularidade subjetivista do intérprete e da particularidade da obra (como pretendia Schleiermacher) para uma elevação, para uma fusão de horizontes. É

⁵⁰ FLICKINGER, H-G. “Da experiência da arte à hermenêutica filosófica”. In: ALMEIDA, C. L.; FLICKINGER, H-G; ROHDEN, L. *Loc. cit.*, p.28.

⁵¹ ALMEIDA, C. L. “A universalidade da hermenêutica”. *Veritas*. v. 44, n°1 (1999), p.36.

⁵² GADAMER, H-G. *Verdade e método II*, p.75.

⁵³ Idem. *Verdade e método I*, p.75.

⁵⁴ BLEICHER, J. *Loc. cit.*, p.157.

⁵⁵ GADAMER, H-G. *Verdade e método I*, p.368.

nesta fusão onde velho e novo, antigo e moderno imbricam-se para uma vida nova, aonde nenhum dos dois chega a destacar-se. O horizonte do intérprete está sempre aberto, colocando seus preconceitos à prova⁵⁶.

Partimos então do fato de que uma situação hermenêutica está determinada pelos preconceitos que trazemos conosco. Estes formam o horizonte de um presente, pois representam aquilo além do que conseguimos ver. No entanto, importa manter-nos afastados do erro de pensar que o que determina e limita o horizonte do presente é um acervo fixo de opiniões e valores, e que a alteridade do passado desse presente como de um fundamento sólido⁵⁷.

Vimos, portanto, que a “primeira de todas as condições hermenêuticas permanece sendo, assim, a compreensão da coisa, o tem de haver-se com a mesma coisa”⁵⁸. Ora, aqui surgem dois problemas, cada qual com suas peculiaridades, dois extremos de uma mesma linha que impossibilitam a compreensão. Primeiro designamos pelo conceito *dogmatismo* e segundo pelo conceito de *anulamento*. Como a própria designação sugere, o dogmatismo, na hermenêutica de Gadamer, é a pretensão de validação dos preconceitos próprios sem o encontro com a coisa mesma, ou seja, é uma não abertura à alteridade que quer se fazer ouvir. Não se tem, por conseguinte, um diálogo, mas um monólogo onde o resultado já é conhecido (A=A). Assim, a tarefa que nos é colocada “é a de impedir uma assimilação precipitada do passado com as próprias expectativas de sentido”⁵⁹.

Fazer valer os preconceitos como verdades inalteráveis é tapar os ouvidos a voz da obra. É, em última análise, manipulação, no sentido de querer compreender o outro sem a interpelação de sua voz. É “compreender” sem o outro (que é um paradoxo!). Por fim, “o reconhecimento da alteridade do outro, que a converte em objeto de conhecimento objetivo, é, no fundo uma suspensão de nossa própria pretensão”⁶⁰.

Se em um extremo da linha temos o problema do dogmatismo, no outro extremo encontramos o problema do *anulamento*. É válido afirmar que tanto o dogmatismo, quanto o anulamento impossibilitam a fusão de horizontes (Eu-Tu). O anulamento é o intérprete indo ao encontro da coisa mesma, mas se anulando fazendo apenas a coisa/outro aparecer. A

⁵⁶ Parte “desta prova é o encontro com o passado e a compreensão da tradição da qual nós mesmos procedemos” (GADAMER, H-G. *Verdade e método I*, p.404).

⁵⁷ *Ibidem*, p.404.

⁵⁸ *Idem*. *Verdade e método II*, p.78-79.

⁵⁹ *Idem*. *Verdade e método I*, p.404. “Quem quiser compreender não pode de antemão abandonar-se cegamente à causalidade das próprias opiniões, para em conseqüência e de maneira cada vez mais obstinada não dar ouvidos a opinião do texto, até que essa opinião não mais se deixe ouvir [...]” (GADAMER, H-G. *Verdade e método II*, p.76).

⁶⁰ GADAMER, H-G. *Verdade e método I*, p.401.

receptividade do intérprete, afirma Gadamer, “não pressupõe, no entanto, uma ‘neutralidade’ quanto a coisa, nem um anulamento se si mesmo”⁶¹.

Para acontecer a compreensão, necessariamente, precisa-se dos preconceitos do intérprete, uma vez que formam a própria pré-compreensão, para desencadear o diálogo entre intérprete-obra. Daí se afirma não só no “fim” temos conhecimento, mas também no início. A anulação, por conseguinte, é a tentativa de fazer valer a obra em sua origem, abandonando ou pretendendo abandonar todos os preconceitos do intérprete. Para a hermenêutica de Gadamer, isso é insustentável porque desde sempre somos históricos e tudo que compreendemos possui respingos de nossos preconceitos. Deve existir, portanto, um termo médio entre dogmatismo e anulação. É neste meio-termo que se situa a hermenêutica filosófica e a possibilidade da compreensão.

Ela [hermenêutica] se desenrola entre a estranheza e a familiaridade que a Tradição ocupa junto a nós, entre a objetividade da distância, pensada historicamente e a pertença a uma tradição. Esse entremio (*Zwischen*) é o verdadeiro lugar da hermenêutica⁶².

A hermenêutica localiza-se, portanto, no meio desta tensão entre intérprete e obra, fazendo justiça à historicidade da compreensão, sem despotismo do Eu ou do Tu. Daí resulta a fusão de horizonte onde intérprete e obra fundem-se em um sentido comum. Por conseguinte, afirma Almeida que o “choque hermenêutico faz o intérprete *estranhar* o que lhe era mais familiar e, ao mesmo tempo, o convoca a tornar familiar o que surge como estranho”⁶³. De fato, para que haja compreensão é preciso não cair em extremos, mas levar em consideração o intérprete – finito e histórico – e a coisa mesma. O estranho (Tu) faz acontecer o re-projetar do Eu, donde surge a compreensão. E compreender é, desde sempre, o aparecimento de um sentido que nunca está fechado, ele (sentido) é dinâmico. Portanto, a hermenêutica não é só um “método” para compreender, mas também, e acima de tudo, é a clarificação das condições sob as quais a compreensão é possível (é, se podemos fazer tal aproximação, uma espécie de “transcendental” kantiano estendido à historicidade).

Vimos o problema dos extremos e a impossibilidade da compreensão. Também explicitamos o lugar da hermenêutica, mas ainda resta uma pergunta a ser feita: Como

⁶¹ GADAMER, H-G. *Verdade e método II*, p.76. De acordo com Coreth, “para compreender, não necessito assumir o ponto de vista do outro, nem preciso apropriar-me do modo de pensar, dos juízos, das convicções e atitudes do autor: posso perfeitamente guardar distância. Por outro lado, não chego a uma legítima compreensão se não acompanho ou não sigo o pensamento alheio a partir de seus fundamentos e de seu contexto. Devo tratar de compreendê-lo por si mesmo e no seu todo” (CORETH, E. *Loc. cit.*, p.118).

⁶² GADAMER, H-G. *Verdade e método I*, p.391.

⁶³ ALEMEIDA, C. L. “Hermenêutica e dialética: Hegel na perspectiva de Gadamer”. *Loc. cit.*, p.65.

distinguir os preconceitos legítimos dos não-legítimos? Segundo Grodin, não devemos falar em critérios para selecionar os preconceitos, mas de *indícios*⁶⁴ de preconceitos legítimos. Aqui distância temporal é fundamental. Gadamer afirma que o intérprete não consegue distinguir por si mesmo os preconceitos produtivos daqueles que atrapalham e levam a mal entendidos.

Assim sendo, a distância temporal trabalha como um filtro permitindo o aparecimento dos preconceitos que realmente contribuem para a compreensão⁶⁵. De acordo com Grodin, “graças à distância histórica, o juízo se torna mais seguro. Assim, se faz valer uma espécie de fecundidade da distância temporal”⁶⁶. Logo, de acordo com Gadamer:

Muitas vezes esta distância temporal nos dá condições de resolver a verdadeira questão crítica da hermenêutica, ou seja, distinguir os *verdadeiros* preconceitos, sob os quais *compreendemos*, dos *falsos* preconceitos que produzem mal-entendidos. Nesse sentido, uma consciência formada hermeneuticamente terá de incluir também a consciência histórica⁶⁷.

Segundo nosso autor, há uma dificuldade enorme (“impotência”) em julgar quando não dispomos de uma distância temporal que nos disponibiliza “critérios” seguros. O “juízo sobre a arte contemporânea reveste-se de uma insegurança desesperadora”⁶⁸. Por conseguinte, não se trata de superar a distância, o que objetivamente é impossível, nem considerá-la um abismo devorador, mas um caminho “preenchido pela continuidade da herança histórica e da tradição, em cuja luz nos é mostrada toda a tradição”⁶⁹. Logo, o sentido de uma obra não é produzido pelo intérprete, também não está fechado sobre a obra. Muito além disso, o sentido pertence à tradição onde está inserido e só é revelado quando são

⁶⁴ De acordo com Grodin, se existe um critério então todas as perguntas da hermenêutica estariam resolvidas e não teríamos problema com a verdade. “Essa ambição por um critério que de uma vez por todas, assegure a objetividade, é também um depoente metafísico do historicismo” (GRODIN, J. *Introdução à hermenêutica filosófica*. Trad. Benno Dischinger. São Leopoldo: UNISINOS, 1999, p.188). É por este motivo que Grodin prefere falar de *indícios* ao invés de critérios.

⁶⁵ Para Gadamer a distância temporal possui um sentido i) negativo e outro ii) positivo. i) Ela elimina, faz a filtragem dos preconceitos que obscurecem e atrapalham a compreensão. ii) Faz surgir os verdadeiros/legítimos preconceitos que levam a um acontecer da compreensão.

⁶⁶ GRODIN, J. *Op. cit.* p.188-189.

⁶⁷ GADAMER, H-G. *Verdade e método I*, p.395. Esta citação era mais enfática, ou seja, ela não começava com “muitas vezes...”, mas com “não é outra coisa senão...”. A troca (surgida em 1985) leva em consideração não apenas a distância temporal, mas também a distância (não entraremos aqui nestas considerações). Ver mais Gadamer e Grodin.

⁶⁸ E continua Gadamer: “Quando nos aproximamos dessas criações o fazemos, evidentemente, a partir de preconceitos incontroláveis, pressuposição que possuem demasiado poder sobre nós para que possamos conhecê-las, e que conseguem conferir à criação contemporânea uma hiper-ressonância que não corresponde ao seu verdadeiro conteúdo e significado” (GADAMER, H-G. *Verdade e método I*, p.393-394).

⁶⁹ *Ibidem*, p.393.

encontradas as conexões entre os prejuízos produtivos do intérprete, a obra e a tradição. Daqui diz-se que o “sentido de um texto supera seu autor não ocasionalmente, mas sempre”⁷⁰.

O tempo, portanto, “já não é um abismo a ser transposto porque supera e distancia, mas é na verdade, o fundamento que sustenta o acontecer, onde a atualidade finca suas raízes”⁷¹. É com a passagem do tempo que realmente alcançamos o que diz a obra, ou seja, “é gradualmente que a verdadeira significação histórica emerge e começa a interpelar o presente”⁷². Conseqüentemente, uma consciência hermeneuticamente formada deverá “pegar com as mãos” os seus preconceitos a fim de fazer a opinião da tradição valer como outro. Como, porém, colocar os preconceitos em evidência? De acordo com Gadamer, para destacar os preconceitos é necessário provocá-los e para isso “é preciso o encontro com a tradição, pois o que incita o compreender deve-se ter feito valer já, de algum modo, em sua própria alteridade”⁷³.

Ora, no encontro com a coisa mesma, o Tu está livre de pretensões subjetivas devido à distância temporal. Logo, esta situação possibilita que os preconceitos do intérprete também sejam filtrados. O contato com a coisa resulta, portanto, na compreensão verdadeira. Dito de outra forma, a prova de fogo dos preconceitos (separando verdadeiros dos falsos) do intérprete será o encontro com a coisa, pois esta, desfrutando de distância temporal, está livre de ambição subjetivista⁷⁴. Deste encontro, “não há como pressupor o domínio ou a inferioridade de um ou de outro nesta parceria. O sentido nasce do ‘vir ao encontro’ de um ao outro (...)”⁷⁵. A compreensão é participação na tradição, em um momento onde se mistura passado e presente em direção ao futuro. Agora, estamos capacitados a entender porque o “primeiro elemento com que se inicia a compreensão é o fato de que algo nos interpela”⁷⁶.

⁷⁰ GADAMER, H-G. *Verdade e método I*, p.392.

⁷¹ *Ibidem*, p.393.

⁷² Cf. PALMER, R. *Loc. cit.*, p.188.

⁷³ GADAMER, H-G. *Verdade e método I*, p.395. “Na verdade, o preconceito próprio só entra realmente em jogo quando ele está em jogo, ou seja, quando esta em questão. É só na medida em que esse preconceito se exerce que ele entrará em jogo com o outro, e isto de tal forma que também ele pode esclarecer” (GADAMER, H-G. *Verdade e método II*, p.81).

⁷⁴ A distância preserva o Tu do arbítrio da subjetividade e a mostra como “objetiva”. E, uma vez que Eu e Tu dialogam, a coisa será o critério objetivo, fazendo o Eu ajustar e reajustar seus preconceitos de acordo com a alteridade.

⁷⁵ FLICKINGER, H-G. “O fundamento ético da hermenêutica contemporânea”. *Veritas*. v.48 nº2 (2003), p.173-174 (Grifos do autor).

⁷⁶ GADAMER, H-G. *Verdade e método II*, p.80.

Considerações finais

Somos determinados por nossa condição de eis-aí-ser. Não conseguimos fugir de nossa condição finita e histórica. Finita porque sempre compreendemos a partir de um ponto que, conseqüentemente, é determinado historicamente. A compreensão resultante do encontro Eu-Tu é uma fusão de horizontes que resulta em um sentido comum. Logo, há uma ampliação do horizonte pessoal. O horizonte do intérprete está sempre em construção, pois estamos sempre colocando à prova nossos preconceitos. A historicidade do homem é dinâmica de modo que, conseqüentemente, a compreensão também é dinâmica. Por conseguinte, o sentido é sempre infinito.

A reabilitação dos preconceitos, enquanto fundamentais para o compreender, proporcionou uma onda de críticas acusando Gadamer de um relativismo histórico. Entretanto, como deixamos claro, não há tentativa de um método para a hermenêutica, mas de tomar o homem como ele é e, a partir daí, ir à busca da compreensão. Não há pretensões de aplicações, para o ser do homem, uma certeza indubitável. Falaremos, portanto, na hermenêutica, não de que alguém conhece melhor ou pior, ou mais objetivamente, mas que há compreensões diferentes. O diferente não implica falta de verdade, mas o encontro mais originário com ela. Originário pelo fato de ser o homem que desvela a verdade (Homem – Verdade), diferente das ciências onde é o método que encontra a certeza (Sujeito – método – verdade ‘certeza’). Poderíamos afirmar que as ciências encontram aquilo que o próprio método já obtinha.

Os preconceitos, portanto, ressurgem das cinzas assim como a Fênix para fazer parte da própria historicidade do homem. A pretensão iluminista de um sujeito puramente reflexivo obscureceu e negou a própria condição histórica do homem assim como a própria história. Negar os preconceitos é fazer caso omissa a nós mesmo. Mas, os preconceitos são apenas um dos lados da compreensão, pois o outro lado é a coisa mesma. O encontro é indispensável. A abertura do Eu é a possibilidade do diálogo com o Tu, onde o primeiro se faz ouvir pelo segundo. E, já dizer Tu pressupõe um acordo comum, donde germina um sentido comum.

Por conseguinte, a *Aufklärung* estava errada sobre os preconceitos. Não são empecilhos do conhecimento, mas possibilidade da compreensão, possibilidade de alargamento de horizonte. A pré-compreensão, mesmo sendo *pré* é indispensável, uma vez que é o início do círculo da compreensão. Este parte dos preconceitos em direção a coisa mesma e volta aos preconceitos, fazendo o Eu reprojeter. A tarefa, por conseguinte, é ir

ampliando o sentido comum em círculos concêntricos. Logo, esta circularidade em forma de espiral é o intercâmbio do movimento da tradição e o movimento do intérprete. Movimento sem vício – amplitude do sentido. Por fim, o caráter preconceituoso de nossa compreensão não é um entrave, mas o nosso próprio ser em questão.

Referências

ALMEIDA, C. L. “Hermenêutica e dialética: Hegel na perspectiva de Gadamer”. In: ALMEIDA; FLICKINGER, H-G; ROHDEN, L. *Hermenêutica filosófica: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, p.61-115.

_____. “A universalidade da hermenêutica”. *Veritas*. v.44, n°1 (1999), p.33-59.

BLEICHER, J. *Hermenêutica contemporânea*. Trad. Maria G. Segurado. Lisboa: Edições 70, 1992.

CASSIRER, E. *A filosofia do Iluminismo*. Trad. Álvaro Cabral. Campinas: UNICAMP, 1994.

CORETH, E. *Questões fundamentais de hermenêutica*. Trad. Carlos L. Matos. São Paulo: E.P.U., 1973.

COSTA, C. C. “Hans-Georg Gadamer: notas introdutórias à hermenêutica filosófica contemporânea”. *Fragmentos de cultura*. v.14, n°5 (2004), p.897-912.

FLICKINGER, H-G. “O fundamento ético da hermenêutica contemporânea”. *Veritas*. v.48 n°2 (2003), p.169-179.

_____. “Da experiência da arte à hermenêutica filosófica”. In: ALMEIDA, C. L; FLICKINGER, H-G; ROHDEN, L. *Hermenêutica filosófica: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, p.27-42.

GADAMER, H-G. *Verdade e método I: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Trad. Flávio P. Meurer. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. *Verdade e método II: Complementos e índices*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. “Historia del universo y historicidad del ser humano” (1988). Trad. Arturo Parada. In: GADAMER. *El giro hermenéutico*. Madrid: Cátedra, 2001.

GRODIN, J. *Introdução à hermenêutica filosófica*. Trad. Benno Dischinger. São Leopoldo: UNISINOS, 1999.

HEIDEGGER, M. *Ser y tiempo*. Trad. Jorge E. Rivera. Santiago do Chile: Editorial universitária, 1998.

HERMANN, N. “Platão e Gadamer”. *Veritas*. v.49, n°4 (2004), p. 623-827.

KANT, I. “Resposta a pergunta: O que é esclarecimento (*Aufklärung*)?” Trad. Artur Mourão. In: KANT, *À paz perpétua e outros opúsculos*. Lisboa: Edições 70, 1995, p.11-19.

KRONBAUER, Luiz G. “Re-lendo verdade e método: historicidade, finitude, compreensão e diálogo pedagógico”. *Estudos leopoldenses*. v.4, n°6 (2000), p. 151-162.

OLIVEIRA, M. A. de. *Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2001.

PALMER, R. *Hermenêutica*. Trad. Maria Luíza R. Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1969.

ROHDEN, L. "O círculo hermenêutico como estrutura: o 'enquanto' da hermenêutica filosófica". *Veritas*. v.44, n°1 (1999), p. 109-131.

STEIN, E. *Aproximações sobre hermenêutica*. 2.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. "Compreender em vez de fundamentar – A hermenêutica filosófica de Gadamer". *Veritas*. v.47, n° 1 (2002), p. 1-115.

_____. "A questão da boa circularidade". In: STEIN, E. *Seis estudos sobre ser e tempo*. Petrópolis, RJ, Vozes. 1988, p.49-63.

_____. "Dialética e hermenêutica: uma controvérsia sobre o método em filosofia". *Síntese*. v.10, n°29 (1983), p.21-48.